

## MARINHA

A SARAH AFFONSO

**N**a manhã calma,  
Rês-vés ao mar,  
Rês-vés ao céu,  
Barco a vogar.  
Enlêvo de alma!

— *Bonecos* que eu fiz,  
Quando era petiz.

Já havia inquietação!

Sonhava com viagens,  
Pintava combóios, vapores,  
Outras paragens...  
Prenúncio destas dores!

— Enquanto petiz,  
Eu era feliz.

Mas agora...

Barra fora,  
Em realidade,  
Singram frotas,  
E, no azul,  
Voam gaivotas  
De verdade.

Que *Bonecos* fiz,  
Quando era petiz!

MANOEL MENDES

## CANÇÃO DA RUA PARADA

A MEU IRMÃO

**N**aquela rua parada  
com uma nesguinha de céu,  
no alto, também parada,  
e vasos numa sacada,  
onde há roupa pendurada,  
parece que alguém morreu...

De manhã aquela rua,  
ainda nua,  
olha o céu entre as fachadas  
e tem nas pedras sombrias  
lágrimas finas e frias  
de lembranças de cantigas  
antigas  
e desgraçadas...

Coitada daquela rua!...  
nunca prende quem lá passa:  
Há uma enorme desgraça  
que ali, silente, fluctua:

Porque ela a todos quer bem  
quem precisa passar, passa  
e nunca pára ninguém...

FRANCISCO BUGALHO.

## O SEGRÊDO DAS LINHAS

A MÁRIO ELOY

**N**as linhas vive um bruxedo  
na alma de cada ponto  
submerso. Um vôo de pomba  
vai pousar no scintilar duma estréla  
em zenit da haste  
da coluna de mercúrio

(Em cada linha pousado  
um rouxinol. O seu canto  
volátil, sugere a forma  
através do seu encanto  
... Paira ópio o corpo d'Irma  
no árido ermo, que se erma  
pleno do corpo d'Isolina)

E a revelação das linhas  
dá a aleluia da forma;  
— num ritual demiúrgico  
cada ponto se transforma,  
e a sua flor odorífica  
abre, intrínseca, na essência,  
— o mercúrio em delírio  
e giesta  
ignifica.

Por fim, o enigma das linhas,  
cinto e curvo ao nosso crânio,  
curva d'asa de condor,  
de trás do céu ergue o céu  
de cada um e o gerânio  
transplanta. No gineceu  
da flor bandos d'avezinhas  
vão construir o seu ninho,  
e ao génesis  
criar novas linhas,  
e novos caminhos.

Perdura,  
perene,  
das linhas o eterno segrêdo,  
— rectas, quebradas, recurvas  
que o tempo, hermético, segura  
e o instante mal define  
sem querer revelar-nos o enrêdo  
humano,  
humano cristal cortado em linhas turvas  
d'ozone e engano  
na truncatura de cada plano

Mas, o segrêdo das linhas perdura  
e cada ponto é uma estréla  
que o nosso olhar desgrava  
sobre a lonjura  
que, humana,  
confina  
com este agora  
— estátua estilhaçada em mil pedaços d'ins-  
tantes  
ao cair da coluna.

Por isso,  
cada coisa vem dizer-me  
surdina um longo segrêdo  
ao ralenti,  
— reflexo em vidro translúcido  
do seu íntimo bruxedo.  
Ponto a ponto numa rosa o flori  
num pontilhado esquisso

ANTÓNIO DE NAVARRO

## CANÇÃO

**O**h tóda grácil!,  
porque nas flores, fina,  
te disfarças,

ou no debucho  
das garças,  
fácil,  
por entre o bucho  
dos parques?

... Escorrega, na minha, a tua pele?  
(Que a minha pel'escalda!...)  
: sequestro de esmeralda  
num anel...

## O D E AO SENHOR ANTÓNIO DE NAVARRO

RABI-MOR DE PORTUGAL  
E DOS SEUS VERSOS

Senhor  
Rabi-Mór  
de estranhas sinagogas,  
e dos poemas bíblicos  
que compôs,  
Senhor,  
os seus palhaços-poetas  
vestem frias togas,  
(funéreas togas pretas!)  
e há sombras no Reinado que transpôs.

Lá,  
no de-Lá que fica àquem ainda,  
emmaranhados fios duvidosos  
crescem de sombra em sombra,  
e a luz,  
que se escorrega e guinda  
dos turvos mares procelosos  
da dúvida que aduz  
mais fios duma sombra  
bem mais sombria  
ainda,  
não deixa ver,  
na curva que se ondeia  
e tapa,  
mais do que luz que confunde:  
capa  
de luz  
que estonteia  
numa agonia  
linda.

Saúdo-o Senhor,  
da minha chá  
virtude de sentir  
(virtude vã!),  
da glória de transpor  
a luz que ainda há-de vir,  
radiosa e deslumbrante,  
criar uma manhã  
que nunca passe adiante.

ANTÓNIO PEDRO